



## O que está acontecendo em Cuba?

Diálogo realizado no marco do I Ciclo de Conferências da Revista TEKOA, no dia 30 de agosto de 2021

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cj77zUCyFrI>

Transcrição: Yuri Soares Franco - Universidade de Brasília (UnB)



### Valter Pomar (palestrante)

Universidade Federal do ABC, Brasil

[pomar.valter@gmail.com](mailto:pomar.valter@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9223-0748>

### Edson Dos Santos Jr (moderador)

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

[edson.santos.junior@hotmail.com](mailto:edson.santos.junior@hotmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0197-5868>

**Edson Dos Santos Jr. (ES):** Nós estamos ao vivo. Boa tarde a todos e a todas, a gente começa hoje a segunda transmissão a segunda conferência, do ciclo de conferências, o primeiro ciclo de conferências da Revista TEKOA, uma iniciativa estudantil ligada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, a UNILA. O Programa de Pós-graduação em História tem duas linhas pesquisa: Modernidades Linguagens e Instituições e Movimentos Sociais, Fluxos Culturais e Identidades. essa é uma iniciativa discente do PPG de História. Na conferência de hoje, intitulada “O que está acontecendo em Cuba?” vai ser realizada pelo professor do Bacharelado em Relações Internacionais, Valter Pomar. Valter Pomar eu mais uma vez agradeço muitíssimo a tua presença aqui conosco, o aceite do convite que fizemos a você para essa conferência, e a palavra é sua, pode começar.

**Valter Pomar (VP):** Agradeço a Revista Tekoa e ao Programa de Pós-Graduação em História da UNILA pelo convite. Nosso tema é “O que está acontecendo em Cuba”. Eu começo esclarecendo o seguinte: até 1997, o que eu conhecia de Cuba era através de leitura e por contatos episódios que mantive com cubanos que vinham ao Brasil. Entre 1997 e 2013 eu fiz inúmeras viagens a Cuba, na maioria dos casos por conta de tarefas vinculadas à minha militância no Partido dos Trabalhadores, onde eu fui Secretário de Relações Internacionais, e por conta disso também fui Secretário Executivo do Foro de São Paulo. Por essas razões eu viajei diversas vezes a Cuba entre 1997 e 2013. Desde 2013 até hoje eu basicamente me informo acerca de Cuba através de leituras e contatos menos frequentes com cubanos por conta daquele relacionamento anterior. Antes de falar do que está acontecendo agora, quero falar um pouco da ilha e falar um pouco da periodização da história de Cuba, que é importante para compreender os fatos deste momento.

Cuba é uma ilha, evidentemente, tem 11 milhões e 300 mil habitantes mais ou menos, distribuídos em 111 mil km quadrados. Isso equivale a pouco mais do que o território da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Essa população de Cuba é uma população equivalente à do Rio



Grande do Sul. Portanto, essa é a dimensão atual de Cuba. A história de Cuba é muito longa. Há um longo período em que Cuba esteve sob dominação colonial espanhola. Essa dominação colonial se estendeu quase até o final do século 19, até a Guerra de Libertação, quando José Martí perdeu a vida, e aquela guerra foi concluída com a intervenção dos Estados Unidos em 1898. Se a gente considerar que um dos primeiros territórios onde Cristóvão Colombo pisou era o que hoje nós chamamos de Cuba, nós temos aí 400 anos de presença colonial. Depois, de 1898 a 1959, se estendem seis décadas, mais ou menos, em que Cuba na prática foi uma semicolônia dos Estados Unidos. Mesmo sendo nominalmente independente, o grau de interferência dos Estados Unidos na vida cotidiana de Cuba era brutal. É sabido de todo mundo que na Constituição Cubana se incluiu uma Emenda que na prática dava aos Estados Unidos poderes similares ao que as Forças Armadas Brasileiras reivindicam ter em relação ao Brasil, através do artigo 142 da nossa Constituição.

Então depois de 400 anos de colônia espanhola de fato e de direito, tivemos ainda 60 anos de semicolônia estadunidense. Esse período se encerra com a vitória do Exército Rebelde, com a chamada Revolução Cubana, no primeiro de janeiro de 1959. E aí se abrem três décadas em que Cuba experimenta o que até então ela não havia tido: uma soberania completa. E experimenta também a construção de uma ordem social não só anti-imperialista, mas também anti-capitalista. É o período que vai de 1959 a 1991 em que, contando com uma retaguarda maior ou menor por parte da União Soviética, Cuba se aventurou a ser o primeiro país a tentar construir uma sociedade socialista na América Latina.

Quatrocentos anos, 60 anos, 32 anos. Essa experiência independente sofre uma reviravolta em 1991, com a desapareção da União Soviética, e se abre desde então um período em que os Estados Unidos em particular, mas não só, acreditavam que aquela Cuba ia encerrar seus dias. Foi o período conhecido em Cuba com o Período Especial, em que Cuba perdeu grande parte do seu relacionamento comercial. A situação econômica e social muito difícil, uma situação política internacional muito complexa. Foram sete anos de isolamento e crescentes dificuldades. Esse período de maiores dificuldades se encerra com a vitória de Hugo Chávez na eleição venezuelana, e depois de Lula na eleição brasileira, de Néstor Kirchner na Argentina, e uma série de outras vitórias de partidos progressistas e de esquerda antineoliberais que marcaram a história da América Latina e do Caribe entre 1999 e 2009.

Durante aqueles 10 anos Cuba sai do isolamento em que estava e recebe diferentes tipos de solidariedade, de apoio político, de apoio econômico e muda bastante a situação interna, favoravelmente a Cuba. Mas é um curto período de dez anos que se encerra quando, a partir da crise de 2008, os Estados Unidos e as oligarquias locais desencadeiam uma ofensiva contra os governos progressistas de esquerda. Isso faz com que boa parte dos países que apoiavam Cuba passem a ter governos conservadores, governos que mantêm uma relação muito difícil, muito crítica com Cuba. E ainda que no período mais recente tenha havido uma nova reviravolta, e em países como a Bolívia e a Argentina a esquerda e os progressistas tenham retornado ao governo, a verdade é que a situação prossegue bastante difícil, como a gente vai explicar logo adiante.

Então é importante ter em conta essa periodização, porque estamos falando de 400 anos, exagerando, de colônia espanhola. Nós estamos falando de 60 anos de semicolônia estadunidense. Estamos falando de 30 anos de uma tentativa de construção do socialismo em Cuba com uma certa retaguarda soviética. Depois nós estamos falando de sete anos de descida ao inferno. Nós estamos falando de dez anos de uma certa recuperação. E novamente doze anos de descida ao inferno. É desse país que nós estamos falando, uma ilha com uma pequena população, com um pequeno território e com essa história extremamente acidentada.



O que está acontecendo agora? O atual período em Cuba, o que exatamente caracteriza ele? O ponto de partida é o dia onze de julho de 2021, um dia de domingo, quando numa cidade próxima de Havana, Santo Antonio de Los Baños, houve uma mobilização social de oposição, de crítica, de descontentamento em relação ao governo cubano. Isso em qualquer outro país latino-americano seria totalmente normal, totalmente usual, totalmente corriqueiro. Não é assim em Cuba. Não é a primeira vez em Cuba que há manifestações com uma certa densidade de oposição ao governo. Mas neste caso foi uma surpresa, um fato que não se esperava. Tomou de surpresa o governo cubano e gerou uma repercussão em várias outras cidades. Inclusive no dia seguinte, dia doze de julho, segunda-feira, ainda chegaram a ocorrer algum tipo de manifestação em alguns outros pontos.

Algumas manifestações foram pacíficas, outras manifestações adquiriram formas mais violentas. Houve ação policial tanto na contenção de algumas manifestações quanto na prisão de alguns dos que articularam ou difundiram os acontecimentos.

A reação do governo, como já foi comentado, envolveu o aparato policial, envolveu a convocatória de apoiadores do governo para tomar as ruas em defesa do governo, em defesa da ordem existente em Cuba. Houve, além disso, uma repressão seletiva logo após as manifestações terem refluído, com um número significativo de pessoas envolvidas que foram presas, a imensa maioria das quais foi solta pouco tempo depois. Além disso, o governo - na pessoa do Díaz-Canel, seu Presidente da República e Secretário-Geral do partido - fez várias aparições públicas, pelas redes sociais, pela mídia tradicional, quanto fisicamente, com um discurso que de um lado reconhecia que as manifestações envolviam reivindicações legítimas e pessoas que participavam delas de boa-fé, mas também o discurso vai dizer que os Estados Unidos e setores da oposição frontal também participavam destas manifestações. A depender do momento em que o discurso era feito, um ou outro aspecto foi mais enfatizado.

Em relação aos fatos, é evidente que por trás dessa mobilização existe um descontentamento real com um acumulado de problemas sobre os quais eu vou falar em seguida. E também é fato comprovado que houve estímulos externos por parte dos Estados Unidos e de sua rede de apoiadores dentro de Cuba. Então de um lado houve fatores efetivos de descontentamento, que explicam o engajamento tanto espontâneo quanto consciente de alguns setores, quanto também houve esse tipo de estímulo externo às mobilizações e, principalmente, em seguida a elas, para tentar estimular novas manifestações. Está comprovado que houve uma ativação de muitas contas internacionais de redes sociais para intervir na conjuntura cubana a quente. Nos interessa aqui, mais do que esse aspecto, saber quais são as causas propriamente ditas, que levaram uma parte da população cubana a fazer algo que não é usual em Cuba, que é uma manifestação crítica de rua contra a política do governo.

A primeira das causas diz respeito às limitações materiais mais estruturais, que precisam ser sempre lembradas: a limitação material fundamental, Cuba não tem fontes de energia suficientes para suprir as suas necessidades. Até que se descubra ou uma nova tecnologia ou, por exemplo, até que se consiga extrair, por exemplo, petróleo das águas profundas em quantidade e qualidade suficiente, a verdade é que Cuba tem uma limitação material fundamental que é a necessidade de importação de combustíveis. Isso coloca Cuba diante da obrigação de gerar divisas em moeda estrangeira para poder importar um insumo fundamental para o seu funcionamento cotidiano. Basta dizer que para que a população cubana ou uma grande parte dela tenha acesso à energia elétrica, é preciso que haja combustível diesel que garanta o suprimento das usinas que fornecem essa energia.

Há também limitações vinculadas a essa, de natureza vou dizer aqui sociológica. Cuba foi, durante aquele longo período de colônia espanhola e durante o período de semicolônia estadu-



nidense, Cuba foi uma economia primário-exportadora tipicamente latino-americana. E continuou sendo uma economia primário-exportadora no período seguinte, em que Cuba se associou ao COMECON, o mercado comum do Leste Europeu e fornecia produtos primários, especialmente agrícolas, e recebia de volta produtos industriais. Sendo que neste caso a relação desigual era com sinal trocado, ou seja: Cuba vendia seus produtos a preços acima dos preços de mercado e recebia esses produtos industriais abaixo dos preços de mercado.

A partir de 1991 Cuba continuou sendo uma nação primário-exportadora, só que agora com intercâmbio desfavorável, ou seja, voltou à situação anterior. Com três agravantes: o primeiro desses agravantes é que as expectativas da população cubana eram muito altas. Ou seja, durante o período em que Cuba buscou construir uma sociedade socialista com o apoio soviético, ela recebia por seu trabalho valores superiores aos do mercado. Isso permitiu elevar o nível de vida do povo cubano e, portanto, a queda que vem em seguida ela é percebida como sendo muito mais brutal do que seria percebida num país que não tivesse esse nível de vida, essa qualidade, essas exigências e expectativas.

Por exemplo, uma parte significativa da população cubana teve acesso à formação universitária, inclusive no exterior, financiada por países do Leste Europeu. E essas pessoas se viram do dia para noite sendo obrigados a trabalhar como taxistas, como atendentes de hotel ou outras tarefas do tipo, ou simplesmente não encontrar emprego e continuar sobrevivendo. Porque como me disse uma vez um dirigente cubano: em Cuba ninguém vai morrer de fome, mas sem que isso fosse acompanhado de um trabalho produtivo. Muitas empresas cubanas fecharam e os salários continuavam sendo pagos. Esse é o segundo agravante, ou seja, os custos internos de Cuba eram muito altos para manter a estrutura produtiva e de bem-estar social construída durante trinta anos de apoio soviético; era necessário um volume de recursos muito maior do que aquele que Cuba conseguiria mobilizar com as suas exportações agora no mercado “normal”.

E o terceiro agravante é que o mercado não era “normal”, por conta do bloqueio estadunidense que de fato começa em 1962 e se prolonga até hoje. No governo Obama houve sinais de relaxamento desse bloqueio. No governo Trump o bloqueio voltou a recrudescer. E o governo Biden manteve o recrudescimento e apertou ainda mais os parafusos. O que significa dizer que Cuba não só é uma nação primário-exportadora que enfrenta dificuldades comuns a qualquer outra nação primário-exportadora. É uma nação primário-exportadora que é penalizada pela principal potência do planeta. O que faz com que os custos de uma transação com Cuba sejam muito mais altos em vários casos do que seriam com qualquer outro país.

A reação de Cuba a isso, nessas décadas que se seguiram ao fim da União Soviética foram, nós podemos dizer, paliativas. Basicamente a exportação de mão de obra e o turismo. A exportação de mão de obra, por exemplo, no caso dos médicos. Toda essa polêmica que houve aqui no Brasil acerca da remuneração dos médicos cubanos esconde, na verdade, uma realidade muito dura da economia política cubana, que é a necessidade que Cuba tem de receber divisas para poder adquirir insumos fundamentais para a vida cotidiana cubana. E outro paliativo foi o turismo; nós conhecemos muito bem quais são os efeitos colaterais que traz. Outras iniciativas, como a indústria a farmacêutica e toda a área ao redor dela, também devem ser lembradas. Mas, no conjunto da obra, não tem um peso que mude a natureza primário-exportadora da economia cubana.

Então esse é um elemento a ser levado em conta nas dificuldades que Cuba vive hoje. São elementos que não apareceram hoje, que se arrastam, alguns deles desde 1959, outros desde 1991, outros desde 2009. Mas que se arrastam cumulativamente e toda vez que Cuba faz um movimento para se libertar desse peso, fatos que ocorrem no ambiente internacional provocam um retrocesso. A isso se somam questões conjunturais, deste último período. Cuba está vivendo



uma transição do ponto de vista político-geracional. A maior parte do povo cubano nasceu depois da Revolução. Portanto, os ganhos que a Revolução trouxe já são parte da paisagem. A comparação com o que era Cuba antes da Revolução é um fato e se aprende na escola, mas não se vive. E por outro lado, o que uma boa parte da população cubana viveu é uma piora continuada das suas condições de vida desde pelo menos 1991.

Na verdade, essa pior começa antes, porque o governo soviético sob a gestão do Gorbachov já começou a mudar as relações com Cuba. E vários dos países do Leste Europeu com quem Cuba tinha um relacionamento intenso mudaram o seu regime político econômico e social antes que a União Soviética desaparecesse. Então há uma transição político-geracional no sentido de que gerações e gerações de cubanos não apenas nasceram depois da Revolução, mas como também viveram um período de piora das condições de vida e uma ausência de perspectivas acerca da qual vou falar mais adiante. E há também uma transição geracional no âmbito da liderança do governo e do Estado cubano. Hoje, por exemplo, ocorre aquilo que vinha sendo sonhado há muito tempo pelo imperialismo estadunidense: os Castros não dirigem mais Cuba. Quem dirige o partido e o Estado cubano é o Díaz-Canel, que é alguém de uma geração pós-revolução. E com ele tantos outros. Isso introduz elementos políticos também importantes. É a primeira vez que uma crise desse tamanho é enfrentada sem a autoridade presente, fisicamente presente, da geração que dirigiu o processo revolucionário e que viveu depois experiências muito importantes. Embora o Raul Castro ainda esteja vivo, não é ele que está na linha de frente, por razões óbvias. E a autoridade que o Fidel tinha não está mais presente.

Outra questão conjuntural, além dessa transição geracional, é a pandemia. A pandemia, além dos efeitos que tem sobre qualquer país, se abate sobre Cuba de maneira ainda mais cruel. Porque a pandemia interrompe o turismo e interrompe boa parte da cooperação que permitia a Cuba também obter recursos. Tensiona um setor em que Cuba sempre brilhou por sua qualidade. E impede Cuba, o bloqueio impede Cuba, de ter acesso a meios de enfrentar com a sua própria expertise a pandemia. Então Cuba é capaz de, por exemplo, desenvolver as vacinas, e tem dificuldade para ter alguns suprimentos fundamentais inclusive para vacinar toda sua população.

E um terceiro aspecto conjuntural que pesou nessa situação toda é que Cuba vinha desenvolvendo, já há algum tempo, um conjunto de reformas. Não é assim que eles gostam de chamar, mas é disso que se trata. Cuba, depois que a União Soviética acabou, virou um laboratório de várias medidas para poder contornar a situação. E isso criou diversos problemas. Um deles, bastante conhecido, é a existência de duas moedas, que Cuba estava em processo de superação. E como toda reforma, traz danos imediatos antes que produza efeitos positivos para a grande maioria. Então, segundo todos os analistas cubanos favoráveis ao governo, favoráveis ao socialismo cubano, vinham se acumulando uma série de problemas decorrentes dessas reformas. Alguns problemas inevitáveis, outros decorrentes da transição, outros envolvendo dificuldades ou erros de operação. E tudo isso acaba se somando nessa conjuntura que nós vivemos no mês de julho.

E um quarto elemento a ser levado é a expectativa das pessoas. Depois de muitas décadas enfrentando o pão que o diabo amassou, uma parte da população cubana está cansada. E não necessariamente porque discorda do governo, mas porque vê cada vez menos perspectiva da situação ser superada. E quando a gente analisa realisticamente o problema, muita gente percebe que há limites muito grandes em relação ao que pode ser feito a partir de Cuba para melhorar substancial e estruturalmente a situação cubana.

É muito comum, especialmente aqueles que são críticos ao governo cubano, lá em Cuba ou fora de Cuba, que digam “a solução passa pela democracia”. A verdade é que, na minha opinião, não há “democracia” que resolva certos problemas que Cuba vive, especialmente no ambiente de agressão continuada por parte dos Estados Unidos.



Por mais que a população cubana estivesse 100% unida na defesa das suas conquistas, o fato é que há uma deterioração material proveniente de um cerco prolongado. E se não houver ajuda de fora fica muito difícil contrabalançar esse desgaste causado pela agressão estadunidense. Na ausência de ajuda de fora é tudo muito difícil, e a impressão que eu tenho é que a gente sempre está em Cuba andando à beira do abismo. Ou seja, numa situação de um equilíbrio frágil em que uma colheita ruim, uma tempestade mais violenta, um acontecimento em algum país da região ou uma mudança, uma inflexão na política dos Estados Unidos para pior, um episódio como da pandemia, fatos desse tipo agravam demasiadamente as condições imediatas. Porque, como eu falei, nós estamos diante de limites materiais difíceis de serem enfrentados, mesmo que os Estados Unidos não fizessem o que fazem desde os anos 60. Uma grande parte dos que criticam o governo cubano ou o socialismo cubano simplesmente finge que esse dado não existe, que não existe uma brutal agressão continuada que provoca prejuízos materiais que são em quantidade, em valor, brutais.

Claro que nós não podemos parar o raciocínio por aí, afinal se é assim, é preciso ver o que se pode fazer para tentar viver nas melhores condições possíveis nesse contexto. Alguns defendem como alternativa se curvar ao império. Ou seja, não só abandonar o projeto socialista, mas abandonar também a soberania nacional. Qual é o problema dessa opção? O problema dessa opção é que isso geraria um grau de desigualdade social muitas vezes maior do que a existente hoje em Cuba. Ou seja, a opção de se dobrar não melhorará as condições de vida da maioria do povo cubano, muito menos a daqueles que neste momento podem ter saído às ruas para criticar o governo, cujo número segundo todas as fontes foi relativamente pequeno. Mas isso não quer dizer que o problema que os levou às ruas os atinja somente. Há muitas pessoas em Cuba que vivem em condições materiais muito difíceis, agravadas no último período por apagões, problemas no fornecimento de remédios, por deficiências no fornecimento de alimentos etc. Se dobrar frente ao império não vai resolver o problema de Cuba, ao contrário, vai agravar a desigualdade social e vai fazer Cuba perder algo que conquistou em 1959, que foi a sua soberania nacional. Além de apontar esse fato é preciso também apontar outro fato: se houver ajuda de fora, ou seja, se Cuba tiver a oportunidade de contar mais uma vez com auxílio externo, seja lá de quem for, seja lá em que quantidade for, é preciso prestar atenção para o risco de repetir o que ocorreu nas duas vezes anteriores.

Há todo um debate hoje em Cuba sobre o balanço da experiência de construção do socialismo em Cuba no período em que Cuba esteve contando com o apoio soviético. Neste período o socialismo cubano introduziu uma série de concepções, de práticas, de mecanismos, de políticas e de objetivos que a história demonstrou que mesmo em países com condições materiais muito maiores como União das Repúblicas Socialistas Soviéticas ou como a China ou como Vietnã, esse modelo, embora tivesse suas qualidades também tinha defeitos gravíssimos no que diz respeito à capacidade de desenvolvimento econômico e no que diz respeito a socialização do processo de produção. Tanto no que diz respeito à economia quanto no que diz respeito à política, esse modelo soviético de construção do socialismo tinha muitas debilidades. E isso fez com que, por exemplo, Cuba não utilizasse, pelo menos não utilizasse da maneira como deveria, na minha opinião, os recursos que recebeu neste período para escapar da condição primário-exportadora. Não se considerou, por exemplo, a necessidade de ter uma matriz Industrial própria, porque no fundo não se imaginava que a União Soviética e o Leste Europeu pudessem desaparecer.

E de outro lado, no período 1998 a 2009, em que havia uma rede de países na América Latina e Caribe que apoiavam, sustentavam e mantinham relações privilegiadas com Cuba, o governo cubano neste período poderia ter utilizado os recursos, as possibilidades abertas, de outras maneiras. O fato é que há uma necessidade que se debata não apenas a situação atual,



não apenas o que deve ser feito, mas também que haja um debate sobre as concepções de economia e de política existentes em Cuba. O que pode vir a acontecer no futuro próximo? Pode acontecer muita coisa, inclusive nada. Cuba já passou por muito, tem um governo com muita legitimidade social, com muita capacidade política, e pode muito bem sobreviver por muito mais tempo. Mas evidente que esse não é um horizonte, digamos assim, um “horizonte utópico” desejável. O horizonte desejável deve ser o de uma retomada do desenvolvimento econômico, político e social numa perspectiva socialista mais avançada. E como eu expliquei, refletir a esse respeito na atual conjuntura internacional não é uma tarefa fácil. E obter esse objetivo nessa conjuntura muito menos fácil ainda.

**ES:** Obrigado Valter, a gente já tem algumas perguntas aqui no chat do canal da TEKOA, aqui no YouTube. O Danilo Tarpani fez uma pergunta aqui para você. Antes eu queria que você pudesse comentar sobre a questão que persiste nas polêmicas com relação democracia e ditadura em torno do regime cubano. Existe uma singularidade do regime cubano no que respeita a democracia, como se caracterizaria o regime cubano pensando nessa chave polêmica: democracia *versus* ditadura. Isso importa porque o Danilo Tarpani pergunta acerca de Cuba numa relação com o governo Joe Biden nos Estados Unidos. A pergunta dele é a seguinte: “como Biden endureceu o embargo a Cuba?”. O embargo econômico, imagino que seja o que ele quer dizer. E aí eu peço às pessoas que estão nos assistindo agora, fiquem à vontade para perguntar, comentar que a gente repassa as perguntas e comentários para o professor Valter, para o qual repasso a palavra aqui.

**VP:** O Governo dos Estados Unidos, desde 1962 até hoje, trata Cuba como uma nação inimiga. Isso significa dizer que uma série de medidas que são tomadas contra Cuba se baseiam nesse princípio. Aliás existe uma legislação que vem da Primeira Guerra Mundial, que é aplicada contra Cuba como também foi aplicada contra a Alemanha de Hitler. Ou seja, Cuba é uma nação inimiga. Dentro desse marco, alguns governos dos Estados Unidos adotaram posturas mais suaves e outros governos adotaram posturas mais violentas. Algumas vezes posturas retóricas mais violentas e algumas vezes posturas práticas mais violentas. O governo Obama deu sinais de que iria mudar a política geral.

Ou seja, que iria aceitar que Cuba não é uma nação inimiga e que, portanto, manteria relações normais com Cuba. Mas os poucos passos efetivos dados naquele sentido foram revertidos ainda com Trump e continuam sendo revertidos por Biden. Hoje, por exemplo, um caso que foi bastante divulgado, por conta do impacto que causou na pandemia: se um barco chega em algum porto cubano, por seis meses não vai poder encostar num porto norte-americano. Significa dizer que isso eleva muito os custos de qualquer transação com Cuba por parte de qualquer país. A mesma coisa vale para as seguradoras, para bancos. Na leitura que eu fiz para preparar essa exposição, um texto recente comenta uma situação de um banco suíço que recebeu uma multa de 500 milhões de dólares, porque esse banco facilitava as transações financeiras do governo cubano.

E no caso específico da pandemia Cuba teve dificuldades para adquirir respiradores porque as medidas do governo dos Estados Unidos tornavam isso muito difícil, muito caro, muito impossível. Então o que o Biden fez, na verdade, foi manter, e num certo sentido agravar, tornar mais intensas politicamente, as medidas do governo Trump. Porque vamos lembrar, o Biden inicia com imensas expectativas de muita gente de esquerda na América Latina. E o que ele faz vai na contramão dessas expectativas.

Quanto ao tema da democracia e ditadura, esse é um debate que, do ponto de vista daqueles que acham que democracia é o que existe nos Estados Unidos, obviamente a conclusão é que



Cuba não é uma democracia, simples assim. Ou seja, para aqueles que consideram que democracia é um regime caracterizado pela existência de vários partidos, pela existência de liberdade plena por parte da imprensa privada, isso de fato não é o regime que existe em Cuba. Para aqueles que entendem democracia de outra forma, Cuba é uma democracia, mas não para os padrões estadunidenses e europeus.

Entretanto, este debate, na minha opinião, não deve ser feito no âmbito teórico. A questão é muito prática: o governo cubano é vítima de uma agressão dos Estados Unidos desde 1962. Como é possível acreditar que Cuba não foi vítima, nessas várias décadas, de um golpe de Estado, de uma ditadura militar, de uma invasão estrangeira vitoriosa, por que isso não aconteceu? Por que Cuba é uma ditadura que oprime e sufoca seu povo? É meio óbvio que uma nação tão próxima dos Estados Unidos e que consegue sobreviver por tanto tempo tem outras qualidades. E como Cuba continuou sobrevivendo durante muitas décadas depois que a União Soviética desapareceu, é evidente que o problema não era apenas ou principalmente o apoio soviético. O grau de legitimidade popular do governo cubano é muito alto, apesar de todas as imensas dificuldades.

Que outro governo com características semelhantes teria sobrevivido tanto tempo na América Latina? Então eu acho que o fundamental nesse debate é o seguinte: o governo cubano iniciado em 1959 foi o que garantiu que Cuba deixasse de ser uma semicolônia estadunidense. E foi o que permitiu, também, que Cuba exibisse indicadores de igualdade social e de bem-estar social mais elevados do que a maioria dos países latino-americanos. E que ainda hoje, em meio a essa situação terrível que Cuba vive, ainda tem um governo que se preocupa com as condições de vida dos setores mais pauperizados da população. Esse é o debate fundamental. Tudo o que Cuba faz para sobreviver nessas condições tem que ser avaliado à luz do bloqueio, à luz da agressão dos Estados Unidos. É muito comum que intelectuais brasileiros que se consideram de esquerda façam julgamentos morais e políticos que desconsideram esse detalhe. Acham que Cuba tem que adotar certos modelos políticos copiados de outros países. Mesmo que adoção desses modelos convertesse Cuba em presa fácil para uma revolução colorida pró-estadunidense.

É compreensível, por exemplo, que o governo cubano não queira admitir a existência de partidos de oposição pró-estadunidense na ilha. Porque é sabido por toda a história latino-americana e caribenha do século XIX e do século XX, que os Estados Unidos financiam golpes, financiam invasões e financiam partidos para que eles aparentemente ganhem eleições de maneira “democrática e legítima”. Por que é que o governo cubano, sabendo disso tudo, vai se oferecer para esse sacrifício? Para atender algum “standard de qualificação” de algum professor universitário em algum país do mundo? Eu não vejo motivo algum para eles fazerem isso.

Outro assunto é saber se, do ponto de vista da população cubana, que defende a nação cubana, inclusive defende o regime econômico social socialista, defende a igualdade social, saber se esse modelo político existente em Cuba é adequado ou não. Essa é uma discussão que os cubanos é que devem fazer. Ou seja, nenhum modelo político é perfeito, é óbvio que qualquer regime político tem problemas, especialmente numa época histórica em que o capitalismo neoliberal é tão forte. Sendo assim, é óbvio que o regime político cubano merece mudanças. Agora, quem deve discutir quais são mudanças é o povo cubano. O povo cubano, a classe trabalhadora cubana, os comunistas cubanos, os revolucionários cubanos, os nacionalistas cubanos, eles é quem têm que decidir qual é o regime, qual é a forma, qual é o modelo.

Agora, eu apoiarei qualquer decisão que se tome que não abra as portas para uma invasão estadunidense. Porque é óbvio para mim, pelo menos à luz de toda a experiência, todo o conhecimento acumulado a esse respeito, que abrir a porta para os Estados Unidos é meio caminho andado para uma tragédia social econômica e política.



**ES:** Obrigado Valter, a gente tem mais algumas perguntas aqui. O Gabriel Gil pergunta: poderia falar mais sobre a importância do setor de serviços para a economia cubana e sua dependência com o setor do Turismo?

E tem mais uma segunda pergunta aqui, do Danilo Tarpani. Você prefere responder a primeira do Gabriel Gil ou eu posso acrescentar a pergunta do Danilo junto agora?

**VP:** A questão do turismo é muito séria. Nós sabemos muito bem as implicações que isso tem. Mas vamos olhar do ponto de vista da economia política da coisa. Cuba através do turismo recebe divisas que são utilizadas para comprar insumos essenciais para a vida cubana: combustível, alimentos, suplementos industriais etc. Acontece que o tipo de dinâmica econômica que o turismo traz não é de molde a gerar os recursos necessários para superar os problemas estruturais da economia cubana. Que estão ligados à característica primário-exportadora, que não foi constituída agora, foi construído ao longo de séculos de colonização.

Ou seja, quando eu falo que o turismo é um paliativo, é pelo seguinte: por mais que o turismo traga recursos, ele gera uma dinâmica interna que amplia a cadeia hoteleira, amplia os transportes destinados ao turismo, amplia o setor de cultura e lazer. O problema é que o encadeamento produtivo disso não gera autonomia industrial e tecnológica. Claro que o governo cubano faz uma transposição de recursos, não só para as políticas sociais, mas também para algumas políticas de desenvolvimento industrial e tecnológico, em áreas como fabricação de remédios.

Porém, a quantidade de recursos que entra por esse caminho não é de monta a resolver o problema, não é de monta a dar um salto de qualidade do ponto de vista da capacidade industrial e tecnológica. Esse é o limitador fundamental. Tem outras implicações que são sérias também, que dizem respeito aos efeitos colaterais do turismo em qualquer lugar do mundo. Ao tipo de ambiente que isso gera, o tipo de postura social que isso gera. Toda essa área de serviços e a classe trabalhadora que atua nessa área de serviço vão gerando uma série de hábitos, uma certa visão de mundo que não necessariamente contribui para a construção de uma sociedade com uma outra visão da relação entre os seres humanos, dos seres humanos com a natureza e dos seres humanos entre si.

E o mais complicado é que nesse terreno, no período 2020 e 2021, Cuba levou uma imensa traulitada por conta da pandemia. Houve uma queda nas receitas do turismo e isso provocou desabastecimento em áreas fundamentais. Mas esse é um problema conjuntural que pode ser superado futuramente.

Agora vamos imaginar um cenário ainda nessa perspectiva em que os Estados Unidos, que escolheram o bloqueio desde 1962, decidissem suspender o bloqueio e permitir que Cuba recebesse milhões e milhões de turistas estadunidenses. Ou seja, Cuba seria invadida por uma massa de ianques sedentos por gastar dólares em tudo e qualquer coisa. Que tipo de economia política, que tipo de sociedade isso também estimularia dentro de Cuba? Uma coisa é você imaginar que o turismo tenha uma participação no produto interno bruto  $x$ , outra coisa é imaginar que a participação seja  $10x$ . O efeito sistêmico disso não é bom, não é positivo.

**ES:** O Danilo Tarpani elogia a tua apresentação e diz “muito boa a tua exposição Valter”. Wanda Conti comenta “explanação muito lúcida e abrangente. Qualquer proposta tem que levar em conta o bloqueio”. No caso o bloqueio econômico a Cuba. O Gabriel Gil faz mais uma pergunta aqui, que é “e o rol da economia digital e seu impacto nas políticas de contenção do assalto ideológico do imperialismo através da conexão com a internet e redes sociais?”

**VP:** Veja, o controle dos Estados Unidos sobre a estrutura física da internet e, também, sobre várias das grandes empresas da área, é muito forte e, portanto, é um problemaço. Cuba ficar fora disso é impossível, é negativo. Cuba abrir as portas para isso traz consequências. Nesse episódio, por exemplo, ficou claro que os Estados Unidos obviamente influenciaram na

narrativa criada a partir da manifestação dos dias 11 e 12. E, também, ficou claro que existia uma área da comunicação que o governo tinha muita dificuldade de lidar. O governo tinha meios para bloquear, mas não tinha expertise e meios adequados para disputar. E é óbvio que bloquear é uma solução desesperada. O governo cubano mudou inclusive a legislação. E isso vem sendo criticado até por apoiadores do governo, que consideram que o governo tem que ter uma política ativa de disputa nas redes sociais, capaz inclusive de dialogar com setores da população que não tem o hábito ou não tem o gosto de acompanhar os materiais, os noticiários e os programas que o governo cubano difunde pelos meios tradicionais. Como é o caso da rádio e da televisão ou pelos meios digitais.

Nós aqui no Brasil sabemos muito bem o quanto a direita, as forças conservadoras manipulam com habilidade os mecanismos chamados de “redes sociais”. Não é diferente no restante da América Latina, inclusive em Cuba. Eu li um trabalho interessante que discutia exatamente isso, de como na população cubana, nos últimos anos, foi se estimulando em alguns segmentos uma postura de individualismo e de pensar em si mesmo e nas suas expectativas e desejos em primeiro lugar, em detrimento do conjunto. E existe um setor da sociedade cubana que - em alguns casos por estar sendo privado, em outros casos por ter ambições - é muito suscetível ao discurso conservador que nós conhecemos muito bem aqui no Brasil. Assim como é suscetível às *fake news*, assim como é suscetível à difusão sistemática de boatos. Então os cubanos estão tendo muita dificuldade. Mas de novo eu volto ao ponto: quem somos nós para dizer a eles que isso é um problema fácil de resolver. Com todos os problemas materiais que eles têm, com a proximidade dos Estados Unidos, com uma parte da população cubana passando por dificuldades reais, com a existência de uma quantidade grande de exilados cubanos, descendentes de conservadores morando nos Estados Unidos e outros países. Então é um tema que eles têm enfrentado, têm buscado desenvolver expertise, mas com muitas dificuldades, com muitas dificuldades. Maiores que as nossas, se lembrarmos que eles têm menos condições materiais.

**ES:** Valter tem mais uma pergunta. Moneda, pergunta: “como é a relação entre Cuba e Venezuela?”

**VP:** Depois que o Chávez foi eleito presidente da Venezuela, até hoje existe uma relação politicamente muito boa entre os dois governos. O governo Chávez inclusive contribuiu através da venda de petróleo a preços subsidiados e muitas vezes através de outros tipos de apoio econômico, contribuiu bastante para que Cuba enfrentasse várias situações difíceis. Então do ponto de vista político é uma relação boa. O problema é de duas naturezas: a Venezuela também passa por dificuldades, e o segundo problema é que não é bom caminho depender de ninguém, nem dos amigos. Então o desafio para países como Cuba e outros é muito grande. Porque veja, não se trata só de que não é bom depender, porque isso te habitua a depender. Não é só porque a situação no país que te ajuda pode mudar e você pode ficar “com a broxa na mão”. O problema, de novo, tem que ver com a economia política da coisa. Ou seja, é preciso que o povo cubano, através da sua própria capacidade, do seu próprio engenho, construa um caminho para superar as suas dificuldades. E que a solidariedade seja um elemento complementar, não podendo ser o elemento decisivo ou prioritário. Isso na minha opinião. Então os dois governos sempre tiveram boas relações desde 1999 quando Chávez toma posse. Mas não quer dizer que não haja dificuldades e problemas. E no período mais recente, como a Venezuela enfrentando muitas dificuldades internas, o apoio material se reduziu substancialmente, o que se traduz também em crescentes dificuldades, o que se soma às dificuldades enfrentadas por Cuba.

**ES:** O Gabriel Gil comenta “perfeito, a natureza neocolonial do turismo é o limite, valeu”. Hebe Amaral escreve “há que se ter muita cautela nessa questão de turismo como salvação econômica ou um dos meios para tanto”. Wanda Conti escreve: “vale a pena refletir também para o Brasil, toda a problemática dos benefícios e malefícios do turismo”. Hebe Amaral es-



creve: “muito boa essa análise feita pelo professor Valter Pomar”. Gabriel Gil agradece: “obrigado pelas respostas”. Hebe Amaral escreve, em seguida: “resiliência é mais solidariedade”. Wanda Conti escreve: “maturidade e autonomia de cada povo é o mais saudável”. Valter, a gente já está chegando aqui no horário de encerramento. Então, eu passo para você fazer suas considerações finais e fazer uma frase de fechamento, como você achar melhor, sobre essa conferência.

**VP:** A única coisa que eu queria acrescentar é que é muito importante estudar a experiência cubana. Foi a primeira tentativa de construção de uma sociedade socialista no continente americano. Em condições difíceis, por ser um país pequeno e por ser um país próximo do Estado mais terrorista da nossa história contemporânea, ou seja, os Estados Unidos. Com todos os defeitos que a experiência cubana possa ter tido ou possa ter, é uma experiência que a gente deve apoiar, na medida em que ela enfrenta uma agressão continuada de uma potência brutal e sem qualquer limite. E apoiar significa ser solidário a Cuba na luta contra os Estados Unidos e ser solidário ao povo cubano na luta por encontrar o seu caminho, para construir em Cuba uma sociedade tal e qual eles desejam. Nós não podemos, na minha opinião, adotar a postura que muitos acadêmicos, intelectuais e professores, alguns de renome no Brasil adotam, que é dizer “Cuba tem dois problemas, o problema do seu regime político interno e o problema do bloqueio”. Como se esses problemas pudessem ser colocados no mesmo patamar. Cuba não tem dois problemas. Estados Unidos tem um problema com Cuba, e este “detalhe” tem que ser lembrado sempre, porque ele é fundamental para entender todo o resto. É isso que eu queria dizer e agradecer mais uma vez o convite do Programa de Pós-Graduação em História da Unila e me colocar à disposição para em outras oportunidades ajudar nesse tipo de debate. E também agradecer à Revista TEKOA.

**ES:** Obrigado Valter Pomar, eu agradeço em nome do Conselho Editorial da Revista Tekoa. Lembro que na próxima quarta-feira dia 1º de setembro às dezoito horas a Revista TEKOA vai transmitir a conferência de Ualid Rabah, presidente da Federação Árabe Palestina no Brasil, a FEPAL, sobre o tema “A tomada da Palestina, um projeto colonial contemporâneo”. Agradeço a todos, todas e todes que participaram desta conferência através do chat no YouTube. Essa conferência ficará disponível no canal da TEKOA. Aos que ainda nos assistem eu peço que se inscrevam no canal da TEKOA. Para não perder as próximas transmissões, clique no sininho para receber todas as próximas notificações dos eventos que a TEKOA for realizar. Muito obrigado, Valter Pomar, foi um prazer mediar essa conferência e ótima participação sua aqui conosco. E o convite já está feito para próximas participações junto à TEKOA também. E agradeço inclusive em nome do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Obrigado a todos e todas. Espero que estejam bem, se cuidem, um abraço.